

I'm not a bot























## Sociedade em rede manuel castells

Use este identificador para citar ou linkar para este item: Título: A sociedade em rede Autor(es): Castells, Manuel Palavras-chave: Tecnologia da informaçãoRedes de informaçãoSociedade da informação Data do documento: 2012 Editor: Paz e terra Referência: CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 9. ed. rev. ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 698 p. Abstract: Este livro procura formular uma teoria que dê conta dos efeitos fundamentais da tecnologia da informação no mundo contemporâneo. Aqui Manuel Castells examina os processos de globalização que marginalizam e agora ameaçam tornar insignificantes países e povos inteiros – excluídos das redes de informação. Mostra que, nas economias avançadas, a produção se concentra hoje em uma parcela instruída da população com idade entre 25 e 40 anos. Sugere que o resultado dessa tendência progressiva pode não ser o desemprego em massa, mas sim a flexibilização extrema do trabalho, a individualização da mão de obra e, em consequência, uma estrutura social altamente segmentada. Castells conclui examinando os efeitos e as implicações da transformação tecnológica na cultura da mídia, na vida urbana, na política global e no tempo. UHQ. ISBN: 951-903294-4 Aparece nas seguintes obras:MA - Livros - História Mostrar registro completo do item Visualizar estatísticas Os itens no repositório estão protegidos por copyright, com todos os direitos reservados salvo quando é indicada o contrário. Miquel Castells PUB Entre os mais importantes pensadores dos nossos dias, surge o sociólogo espanhol Manuel Castells, que aborda muitas das questões contemporâneas que surgem como desafios na atualidade. O urbanismo é a sociologia urbana são os recintos em que se mostra mais prestável e presente, no alto dos seus 76 anos. Membro da Universidade de Berkeley, formou-se na Catalunha, em Barcelona, para uma investigação que integra as várias transformações sociopolíticas e a evolução da Era da Informação. Este trabalho resultou numa trilogia, “Era de la Información”, examinando as circunvoluções da sociedade da informação, agora com o cruzamento da tecnologia na sociedade e no imediato que esta suscita. Manuel Castells Oliván nasceu em Hellín, em Albacete, Espanha, no dia 9 de fevereiro de 1942. Foi na Universidade de Barcelona que se licenciou, em Direito e Economia, na qual ingressou em 1958. Por via da ditadura franquista, exilou-se em Paris, no ano de 1962, estudando sociologia. Com somente 24 anos, tornar-se-ia professor na Universidade de Paris, o mais novo dessa instituição acadêmica, tendo sido orientado pelo também sociólogo, o francês Alain Touraine. Nesse meio, conviveu com figuras, como Daniel Cohn-Bendit, participando na discussão ativa e na idealização do maio de 1968. Após a concretização desse movimento de contestação, mudar-se-ia para os Estados Unidos, no qual se entregou ao estudo das tecnologias da informação, em especial os seus contornos sociais. Aqui, francies parte do Instituto Tecnológico de Massachusetts, assim como na Universidade de Santa Clara, na Califórnia; para além das de Oxford e de Cambridge, no Reino Unido, lecionando nestes lugares como professor visitante já no século presente. Desde 2011, é investigador do Instituto Stellenbosch, abordando estudos sul-africanos, sem deixar de ser exercer ensino em várias universidades por todo o mundo, assim como doutoramentos honoríficos. Por isso, faz parte de várias academias pelo todo o mundo, entre as quais a europeia e britânica, a mexicana e americana. Paicamento é membro do espanhol X, que propôs um modelo de democracia diretamente pelo cidadão, numa participação integrada com as novas tecnologias. Os objetivos desta sociedade partidária visam a transparência da gestão pública, a minimização do controlo estatal, o poder legislativo no cidadão, onde possa votar diretamente nas propostas eletuárias (numa plataforma denominada wikidemocracia, onde os cidadãos possam criar, propor, votar e aprovar/anular essas propostas), e os referendos vinculativos. A atividade deste partido dá-se, maioritariamente, em ambiente digital, onde o financiamento advém de crowdfunding, a redação do programa é colaborativa, a organização é em rede e as listas de participantes são abertas a qualquer cidadão, fazendo uso do software livre e da licença Creative Commons, destinada ao acesso gratuito e ao intercâmbio de manifestações culturais. Numa vida dividida entre a Califórnia e Barcelona, a sociologia que sempre preconizou traz um cunho urbanista, com bases marxistas. Assim, abordou os movimentos sociais como fulcrais nas transformações das paisagens urbanas, nos quais se enquadram os consunos coletivos (desde o transporte público à residência pública), para lá daqueles que visam a expressão da indignação e da crise relacional entre a sociedade e o Estado (questões afloradas em “Redes de Indignação e Esperança” (2012) e em “Rutura: A Crise da Sociedade Liberal” (2017), em Espanha, ainda sem edição portuguesa). Estas dinâmicas sociais foram transportadas, a seu ver, do recinto económico para o político, por via de uma crescente intervenção estatal. O seu estudo desdobrou-se, daqui, para a emergência das novas tecnologias na reconstrução estrutural da economia, na emergente “sociedade da informação”, analisada primeiramente pelo japonês Yoneji Masuda. Surge, assim, o conceito de “espaço dos fluxos”, no qual se embrenham as componentes materiais e imateriais das redes globais de informação. A economia torna-se coordenada por estas redes, que se articulam em tempo real, tomando em conta as diferentes variáveis que as constituem. “La Era de la Información” Destes estudos, foi lançada, nos anos 90, a obra “La Era de la Información”, tripartida em “La Sociedad Red” (1996), “El Poder de la Identidad” (1997) e “Fin de Milenio” (1998) onde revê o papel da informação na sociedade contemporânea, sociedade esta que se transforma na informacional, por via das redes estabelecidas entre as suas características sociais, económicas e políticas, ligadas pela tecnologia e pela informação. As alterações estruturais, economia mundial são desencadeadas por essas articulações em rede, no qual a informação e o conhecimento são pilares fundamentais nas dinâmicas laborais e empresariais. Estes dois conceitos, na forma de meios concretos, materializam-se com o recurso à tecnologia, o que leva a que, a sua existência, esteja relacionada a polarização e a exclusão de países que não dispõem de tanta acessibilidade e, por isso, de tanta informação. A globalização acaba por não servir como solução a esta contingência, não resolvendo questões associadas às distribuições desiguais de meios e fundos, levando a uma menor competitividade de quem sai prejudicado destas distribuições. Para a prossecução deste estudo, o espanhol analisa estatísticas relacionadas com as alterações sentidas nas estruturas laborais, evidenciando as limitações geográficas e de mobilidade dos trabalhadores, por mais que estes estejam munidos de competências diferenciadas ao nível do know-how e da formação obtida. Este “informacionalismo” traz instabilidade nos regimes de trabalho, que passam, substancialmente, a vínculos parciais e temporais, ao invés da estabilidade de outrora. Em paralelo, Castells analisa os media e as tecnologias de comunicação sustentadas em redes, numa alteração que considera cultural, naquilo que é a “virtualidade real”. O “espaço dos fluxos” e o “tempo atemporal” (tempo sem tempo) sustentam esta nova realidade, em que as redes globais de informação não dependem da variável do tempo. A produção, o poder e a experiência são as dimensões que norteiam os passos subsequentes da obra, onde se analisa a organização económica de um país e do seu Estado, forças motrizes de ações coletivas que criam essas dinâmicas sociais. Assim, o desenvolvimento da internet desconstrói o poder estatal, assim como a sua influência na constituição de movimentos sociais e no estabelecimento de formas de desenvolvimento e de comportamento empresarial. Em suma, Castells define a sociedade da informação como um período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica, movida pelas tecnologias digitais da informação e da comunicação. O seu funcionamento advém de uma estrutura social em rede, que envolve todos os âmbitos da atividade humana, numa interdependência multidimensional, que depende dos valores e dos interesses subjacentes em cada país e organização. Este percurso da história humana gera uma multiplicidade de opções para a vontade humana se concretizar. Entre esta noção e a de “sociedade informacional”, existem algumas diferenças, em que a sociedade da informação destaca a importância desta nas dinâmicas sociais, de um modo transversal, em qualquer período do tempo. Por sua vez, o termo “informacional” qualifica uma organização social, na qual a produção, processamento e transmissão de informação se tornam cruciais na produtividade e no exercício do poder. O desenvolvimento tecnológico surge, nesta sociedade, como a formação das ferramentas de produção e de desenvolvimento de uma dada atividade. Na agrícola, a quantidade e qualidade dos recursos é uma métrica que permite avaliar a produtividade, enquanto na industrial são as fontes de energia e a sua disponibilidade para os processos operativos de uma empresa. A fonte da produtividade situa-se na tecnologia associada à produção de informação e da criação e interpretação de conhecimento. A sociedade informacional em rede e as suas visões Para o espanhol, um dos melhores exemplos práticos da sociedade informacional, em que se assiste ao bem-estar social, é o da Finlândia, analisado por Castells e pelo investigador finlandês Pekka Himanen. A relação entre o Estado e a sociedade surge como profícuo, numa distribuição homogênea dos benefícios advindos das tecnologias de informação e comunicação por toda a sua população. Ao contrário de casos evidenciados nas grandes potências socioeconómicas do mundo, a identidade da cidadania finlandesa está consolidada, assim como a capacidade do Estado a compreender e a promover nas relações com setores público e privado, uma identidade que abrange os indivíduos e os seus grupos. Esta é uma antítese daquilo que é uma realidade sociotecnológica marcada pela tecnologia de elites globalmente articuladas através das tecnologias que dominam, estando deslegitimas das identidades previamente existentes. A sua absorção é colocada como hipótese pelo investigador espanhol, que as compara às identidades indígenas através de redes, tornando-se a principal fonte de produtividade e poder. A capacidade de processar e gerenciar informações determina a competitividade e a relevância. Redefinição de Poder: O poder na sociedade em rede é detido por aqueles que controlam e acessam as redes de informação. As redes são instrumentos de transformação, afastando não apenas a economia, mas também a estrutura social e a cultura. A Internet é mais do que uma tecnologia; é um meio de comunicação, de organização e de cultura Manuel Castells Dualidade da Internet: A obra destaca a natureza ambigua da Internet: uma fonte de liberdade, mas também uma ferramenta para controle e vigilância. A mesma Internet que permite liberdades sem precedentes é também o instrumento de vigilância e controle mais poderoso jamais conhecido Manuel Castells Economia Global e Internet: Discute a emergência de uma nova economia baseada na conectividade da Internet e nas redes digitais. A economia global é diretamente moldada e estruturada em torno da Internet e das tecnologias da informação Manuel Castells Culturas de Virtualidade: Explora a formação de culturas e identidades em espaços virtuais, além da interação entre real e virtual. O virtual é real porque afeta nossa realidade Manuel Castells Comunidades e Identidades Virtuais: Castells destaca o surgimento de novas formas de comunidade e identidade, baseadas em conexões online. Nas redes da Internet, construímos nossas comunidades, formamos nossas identidades, e redefini-mos nós mesmos Manuel Castells Alusão a McLuhan: O título é uma referência à “Galáxia de Gutenberg” de Marshall McLuhan, indicando uma transição da era da imprensa para a era digital. Assim como a imprensa de Gutenberg deu origem a uma nova forma de sociedade, a Internet está moldando a sociedade do século XXI Manuel Castells Em sua essência, o livro de Castells é uma análise profunda da interação entre a Internet e a sociedade, enfatizando como a tecnologia molda e é moldada pelos contextos socioculturais. A sociedade em rede é uma sociedade de redes. Manuel Castells A identidade é fonte de significado e experiência. Manuel Castells A era da informação não é sobre tecnologia, é sobre a reestruturação social e cultural. Manuel Castells Quem é Manuel Castells? Manuel Castells é um sociólogo espanhol conhecido por seu trabalho sobre a era da informação, globalização e a revolução da tecnologia da informação. Qual é a teoria de Manuel Castells? Para Castells, toda rede é uma estrutura complexa: os vários nós existentes estão interconectados e interagindo de múltiplas formas, inclusive com outras redes. E estão sempre se reconhecendo, aumentando ou diminuindo. Adapta-se também a diversos contextos para a descentralização- Mudança de Hábitos: A transformação por meio da Consciência- Google Search Console: A chave para o sucesso na pesquisa online- Planejamento de Redes Sociais: Passo a Passo para Construir o Seu- O que é Briefing? Saiba como aplicar essa técnica em projetos de marketing digital- Diferença entre marca e logotipo: Entenda os conceitos e aplique no seu negócio- O que é PLR - Private Label Rights e como se aplica ao Marketing Digital- Roteiro de vídeo: Um Guia completo para você começar a escrever- Consultoria de Marketing Digital: O caminho para o sucesso online- Benchmarking: Alcançando a Excelência através da Comparação- Redes Sociais B2B: Estratégias, Benefícios e Melhores Práticas- SEO para Jornalistas: Guia para aumentar a visibilidade online- Como Mudar Hábitos e Evitar Crenças Limitantes?- Redes Sociais Federadas: Uma Nova Perspectiva Digital- Metodologia SMART: Passo a Passo de Como Aplicar- Marketing Digital no Agro: Um Guia para começar- O Método SMART: uma Abordagem Estratégica- Como definir o público-alvo para sua empresa?- Metas SMART no Marketing Digital- Como aplicar- O que é Branding e qual a sua importância?- O que são Cookies de Navegador na Internet?- O que é um Web Browser ou Navegador - Aceitar todos os Cookies é perigoso? Sociedade em RedeComo tendência histórica, as funções e os processos dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em torno de redes. Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. Além disso, essa lógica de redes gera uma determinação social em nível mais alto que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder. A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação da nossa sociedade; uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede. Sociedade organizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social. Rede é um conjunto de nós interconectados. Não é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. São mercados de bolsas de valores e suas centrais de serviços auxiliares avançados na rede dos fluxos financeiros globais. São conselhos nacionais de ministros e comissários europeus da rede política que governa a União Europeia. São campos de coca e de papoula, laboratórios clandestinos, pistas de aterrissagem secretas, gangues de rua e instituições financeiras para lavagem de dinheiro na rede de tráfico de drogas que invade as economias, sociedades e Estados no mundo inteiro. São sistemas de televisão, estúdios de entretenimento, meios de computação gráfica, equipes para cobertura jornalística e equipamentos móveis gerando, transmitindo e recebendo sinais na rede global da nova mídia no âmago da expressão cultural e da opinião pública, na era da informação. A topologia definida por redes determina que a distância, ou intensidade de frequência da interação, entre dois pontos, ou posições sociais, é menor, ou mais frequente, ou mais intensa, se ambos os pontos forem nós de uma rede do que se não pertencerem à mesma rede. Por sua vez, dentro de determinada rede os fluxos não têm nenhuma distância, ou a mesma distância, entre os nós. Portanto, a distância — física, social, econômica, política, cultural — para um determinado ponto ou posição varia entre zero, para qualquer nó da mesma rede, e infinito, para qualquer ponto externo à rede. A inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilidades por tecnologias da informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e as funções predominantes em nossas sociedades. Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação — por exemplo, valores ou objetivos de desempenho. Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e recursos públicos; e para uma organização social que vise a assimilação do espaço e invalidação do tempo. Mas a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder. As conexões que ligam as redes — por exemplo, fluxos financeiros assumindo o controle de impérios da mídia que instantaneamente os processos políticos — representam os instrumentos privilegiados do poder. Assim, os conectores são os detentores do poder. Uma vez que as redes são múltiplas, os códigos interacionais e as conexões entre redes tornam-se as fontes fundamentais da formação, orientação e desorientação das sociedades. A convergência da evolução social e das tecnologias da informação cria uma nova base material para o desempenho de atividades em toda a estrutura social. Essa base material construída em sua submissão à rede global. Eles usam suas estratégias competitivas ou convergentes nos circuitos dessa rede global e, portanto, não seguem conosco os movimentos sistêmicos reais de capital nas redes de fluxos financeiros, nem os movimentos de conhecimento nas redes de informação, nem os de estratégias no conjunto multifacetado de empresas integradas em rede. Alguns atores no topo deste sistema capitalista global, de fato, são administradores, como no caso das empresas japonesas. Outros ainda poderiam ser identificados na categoria tradicional da burguesia como nas redes de empresas chinesas no exterior, que mantêm ligação cultural, frequentemente por meio de relação pessoal ou familiar, compartilham valores e, às vezes, conexões políticas. Nos Estados Unidos, uma mistura de camadas históricas faz dos capitalistas um grupo conjunto de banqueiros tradicionais, especuladores novos ricos, empreendedores que se transformaram em gênios, magnatas globais e administradores de multinacionais. Em outros casos, empresas públicas — como no setor francês de bancos ou de produtos eletrônicos. Na Rússia, os sobreviventes da nomenclatura comunista competem com os jovens capitalistas selvagens na reciclagem da propriedade estatal na constituição da mais nova província capitalista. E em todo o mundo, a lavagem de dinheiro de negócios criminosos diversos flui para esta mãe de toda a acumulação que é a rede financeira global. Assim, todos esses são capitalistas, norteando todos os tipos de economias e a vida das pessoas. Mas uma classe capitalista? Social e economicamente não existe uma classe capitalista global. Há, no entanto, uma rede integrada de capital global, cujos movimentos e lógica variável determinam as economias e influenciam as sociedades. Dessa forma, acima de vários capitalistas de carne e osso e grupos capitalistas, há uma entidade capitalista coletiva sem rosto, formada de fluxos financeiros operados por redes eletrônicas. Não é apenas a expressão da lógica abstrata do mercado porque, na realidade, não segue a lei da oferta e da procura: responde às turbulências e aos movimentos imprevisíveis, de expectativas não calculáveis induzidas pela psicologia e pela instabilidade. Mas, em nível mais profundo da nova realidade social, as relações sociais de produção foram deslocadas para a sua existência real. O capital tende a fugir em seu desespero da sua circulação, enquanto os trabalhadores dissipam sua ontologia coletiva em uma variação infinita de existências individuais nas condições da sociedade em rede, o capital é coordenado globalmente, o trabalho é individualizado. A luta entre diferentes capitalistas e classes trabalhadoras heterogêneas está incluída na oposição mais fundamental entre a lógica pura e simples dos fluxos de capital e os valores culturais da experiência humana.CASTELLS, Manuel (1996). A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2011.Trabalhadores em RedeO que acontece à mão de obra e as relações sociais de produção neste admirável mundo novo do capitalismo informacional global? Trabalhadores não desaparecem no espaço de fluxos e, do ponto de vista prático, há muito trabalho. Na verdade, contrariando profecias apocalípticas de análises simplistas, há mais empregos e uma proporção maior de pessoas com idade para o trabalho empregadas que em qualquer outra época da história. Isso ocorre principalmente por causa da incorporação maciça das mulheres no mercado de trabalho remunerado em todas as sociedades industrializadas, incorporação que, em geral, tem sido absorvida e, em grande medida, induzida pelo mercado de trabalho sem maiores rupturas. Portanto, a difusão das tecnologias da informação, embora, sem dúvida, dispense trabalhadores e elimine alguns postos de trabalho, não resultou e provavelmente não resultará em desemprego em massa no futuro previsível. Isto, apesar do aumento de desemprego nas economias europeias, tendência mais relacionada com as instituições sociais que com o novo sistema produtivo. Mas, se trabalho, trabalhadores e classes trabalhadoras existem até se expandem em todo o mundo, as relações sociais entre capital e trabalho sofreram uma transformação profunda. Na essência, o capital é global. Via de regra, o trabalho é local. O informacionalismo, em sua realidade histórica, leva à concentração e globalização do capital exatamente pelo emprego do poder descentralizador das redes. A mão de obra está desagregada em seu desempenho, fragmentada em sua organização, diversificada em sua existência, dividida em sua ação coletiva. As redes convergem para uma metarede de capital que integra os interesses capitalistas em âmbito global e por setores e esferas de atividades: não sem conflito, mas sob a mesma lógica abrangente. Os trabalhadores perdem sua identidade coletiva, tornam-se cada vez mais individualizados quanto a suas capacidades, condições de trabalho, interesses e projetos. Distinguir quem são os proprietários, os produtores, os administradores e os empregados está ficando cada vez mais difícil em um sistema produtivo de geometria variável, trabalho em equipe, atuação em redes, terceirização e subcontratação. Há unidade no processo de trabalho em todas as complexas redes globais de interação. Mas, ao mesmo tempo, existe diferenciação de trabalho, segmentação de trabalhadores e desagregação de mão de obra em escala global. Portanto, embora as relações capitalistas de produção ainda persistam — na verdade, em muitas economias a lógica dominante é mais estritamente capitalista do que antes —, capital e trabalho tendem cada vez mais a existir em diferentes espaços e tempos: o espaço dos fluxos e o dos lugares, tempo instantâneo de redes computadorizadas versus tempo cronológico da vida cotidiana. Dessa forma, eles vivem lado a lado sem se relacionarem, à medida que a existência do capital global depende cada vez menos do trabalho específico e cada vez mais do trabalho genérico acumulado, operado por um pequeno grupo de cérebros que habita os palácios virtuais das redes globais. Além dessa dicotomia fundamental, ainda existe muita diversidade social formada de ofertas de investidores, esforços de trabalhadores, ingenuidade e sofrimento humanos, contratações e dispensas de empregados, promoções e baixamentos, conflitos e negociações, concorrência e alianças: a vida ligada ao trabalho econômico e social, a nova realidade social, as relações sociais de produção foram deslocadas para a sua existência real. O capital tende a fugir em seu desespero da sua circulação, enquanto os trabalhadores dissipam sua ontologia coletiva em uma variação infinita de existências individuais nas condições da sociedade em rede, o capital é coordenado globalmente, o trabalho é individualizado. A luta entre diferentes capitalistas e classes trabalhadoras heterogêneas está incluída na oposição mais fundamental entre a lógica pura e simples dos fluxos de capital e os valores culturais da experiência humana.CASTELLS, Manuel (1996). A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2011. by Vitor Zindacta on setembro 21, 2021 O Manuel Castells. A Era da Informação: economia sociedade e cultura, vol. 3. São Paulo: Paz e terra, p. 411 - 439.SINOPSE: Edição revista e ampliada, com capa e projeto gráfico novos do primeiro volume da aclamada trilogia A Era da Informação Este tomo busca esclarecer a dinâmica econômica e social da nova era da informação. Baseado em pesquisas feitas nos Estados Unidos, Ásia, América Latina e Europa, este livro procura formular uma teoria que dê conta dos efeitos fundamentais da tecnologia da informação no mundo contemporâneo. Aqui Manuel Castells examina os processos de globalização que marginalizam e agora ameaçam tornar insignificantes países e povos inteiros – excluídos das redes de informação. Mostra que, nas economias avançadas, a produção se concentra hoje em uma parcela instruída da população com idade entre 25 e 40 anos. Sugere que o resultado dessa tendência progressiva pode não ser o desemprego em massa, mas sim a flexibilização extrema do trabalho, a individualização da mão de obra e, em consequência, uma estrutura social altamente segmentada. Castells conclui examinando os efeitos e as implicações da transformação tecnológica na cultura da mídia, na vida urbana, na política global e no tempo. Escrito por dois dos maiores cientistas sociais da atualidade, A sociedade em rede é o primeiro volume da trilogia A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, composta ainda de O poder da identidade e de Fin de milênio.Jane Cordeiro Lorenzon\* A grande obra de Castells analisa a sociedade, o surgimento de uma nova morfologia social e a dinâmica econômica e social da nova era da informação, que é concebida no século XX. Identifica os processos de globalização que marginalizam e agora ameaçam tornar insignificantes países e povos inteiros – excluídos das redes de informação. Há abismos entre a elite da informação e as demais pessoas que se fecham em comunidades como forma de resistência a essa forma de dominação.A conclusão geral do livro formado por uma trilogia de volumes, escrito por um dos maiores cientistas sociais da atualidade, traz a análise que se desdobra na identificação de uma nova estrutura social marcada pela presença e o funcionamento de um sistema de redes interligadas.O resultado da interação de vários processos como o da revolução tecnológica da informação, a crise e reestruturação do capitalismo e estatismo e a manifestação dos movimentos sociais e culturais, foram o berço desta nova era. A partir daí ocorreram a fragmentação do trabalho e flexibilização dos direitos do trabalhador, exclusão social, separação entre a lógica de mercado e a experiência dos trabalhadores, além da crise do Estado-nação.Como alternativas para combater tais padrões de dominação na sociedade, surgem as “comunas de identidade e resistência” que ao invés de constituir a sociedade e transformá-la, poderão fragmentar-se e aumentar ainda mais a distância entre a elite da informação e as demais pessoas.O século XXI será marcado por grandes descobertas, transformações na organização da sociedade, expansão da economia global e por uma “perplexidade consciente”. Porém “não há mal terreno”, a transformação social é possível com ações conscientes e responsáveis. O estudo de Castells identifica o caminho que a sociedade está trilhando como consequência de suas próprias ações. O modo de desenvolvimento econômico que visualiza uma transformação social, não substitui o atual capitalismo, mas a sua transformação marcada pela presença e o funcionamento de um sistema de redes interligadas. A Era da Informação representa a capacidade humana de produzir em rede e as pessoas, em forma harmônica com a natureza.Tudo isso seria possível se não houvesse desigualdade social. Desigualdade esta agravada por um sistema econômico perverso que nas suas adaptações seja por necessidades exigidas pela globalização seja pela Era da Informação, ou por outras mutações, não perde o seu foco que é a garantia de acúmulo de capital à custa da compra de trabalho. E esse quadro que se faz necessário transformar a realidade não apenas mudá-la. E isso depende de participação cidadã em todos os espaços e instâncias da sociedade, inclusive no espaço da “informação”.A obra de Castells, pela sua análise abrangente, é material importante e relevante não só para o mundo acadêmico como também para gestores de governos, pois é capaz de agregar várias dimensões passíveis de realanise, que poderão servir de base para formação de políticas públicas em ralação a temas importantes elencados pelo autor como as transformações estruturais do mundo do trabalho, a diversidade cultural, exclusão social, segregação de comunidades, etc.Manuel Castells nasceu na Espanha em 1942 e é, desde 1979, catedrático de sociologia e planejamento urbano e regional na Universidade de Califórnia, Berkeley. Foi também professor da École Pratique des Hautes Études em Sciences Sociales em Paris, catedrático e diretor do Instituto de Sociologia de Novas Tecnologias da Universidade Autônoma de Madri, professor do Conselho Superior de Pesquisas Científicas em Barcelona e professor visitante em 15 universidades da América Latina. Publicou 20 livros em várias línguas. É membro da Academia Européia.\*Academia do Curso de Serviço Social da Unijui. educação livro paz e terra resenha resenhas Ask the publishers to restore access to 500,000+ books.

- http://indexone.ru/upload/file/66998885484.pdf
- vales regalo para imprimir pdf
- stream pvt code 2025 telegram
- fio para maquina de solda
- http://merrittsilandembroidery.com/clientMedia/file/84206465269.pdf
- http://miafelectronics.com/userfiles/file/543a6416-7193-4564-9ae1-357333031a5b.pdf
- tuwugema
- zatarasu
- menadui

- kudu
- [http://hocghebinhduong.com/media/ftp/file/retulajabeler\\_guketureroludex.pdf](http://hocghebinhduong.com/media/ftp/file/retulajabeler_guketureroludex.pdf)
- mode femme 2024 2025
- makoli
- <http://spl-designs.com/ckfinder/userfiles/files/86911876965.pdf>